

# Carta Brasil da Aliança



por um Mundo Responsável e Solidário

POLO LATINO AMERICANO



EDITORIAL

## POR UMA EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA E RESPONSÁVEL



Educação como essência cultural de uma humanidade a escala da pessoa e de todos os seres humanos (Galano). Educação como auto-construção dos cidadãos e cidadãs de hoje e de amanhã (Freinet). Educação como aprendizagem não só de destrezas, mas principalmente do auto-desenvolvimento dos sentidos e atributos superiores do ser humano, a emoção, a imaginação, a ética, a estética, a comunicação, o amor (Marx, Chardin, Aurobindo, Maturana.). Educação dialógica e libertadora (Paulo Freire). Educação para a autonomia, a solidariedade e a co-responsabilidade (Mommen). Educação como educação da práxis, a serviço do auto-desenvolvimento integral e do empoderamento de cada pessoa e coletividade enquanto protagonista da democracia integral e de uma relação cúmplice e sustentável com a natureza (Boff e Arruda).

Estes, e tantos outros modos de definir educação, revelam idéias inovadoras, a contrapelo do que são os sistemas educativos dominantes. Revelam também a existência de diversas práxis educativas que contribuem desde já para a edificação de pessoas e sociedades humanizadas e emancipadas.

É no sentido desta busca que queremos dar seguimento ao esforço realizado pela Aliança na Bélgica em abril de 1997, reunindo educadores e educadoras de vários continentes para discutir os desafios da educação na perspectiva de um mundo responsável e solidário. A Aliança nos parece o contexto adequado para realizar este intercâmbio de experiências e esta reflexão. A iniciativa de um **CANTEIRO DE EDUCAÇÃO** é oportuna e a ela queremos convidar educadoras e educadores do Brasil e toda a América Latina.

Marcos Arruda



## SUMÁRIO:

Viabilidade socioeconômica das iniciativas populares .....	2
Educação profissional de adolescentes .....	2
A Carpa Blanca .....	3
Educação da Práxis: o auto fazer-se do <i>Homo Integral</i> .....	4
O Banco Mundial, as políticas educacionais e as ONGs .....	6
Educação de jovens e adultos e globalização .....	7
O que passa no seio da Aliança .....	8

# Viabilidade socioeconômica das iniciativas populares:

## A FORMAÇÃO NESTE CONTEXTO

Sandra Quintela

O Fórum para o Desenvolvimento do Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro, através da CAPINA e do PACS, vem realizando uma série de oficinas, denominadas Encontros de Socio-economia Solidária. Nestas oficinas, são trabalhados aspectos teóricos e práticos referentes às iniciativas econômicas populares: o que fazem, como fazem, o que pretendem, o que querem melhorar e de que forma avançar para além do trabalho local.

Quanto ao conteúdo, o conceito de socio-economia solidária é trabalhado a partir dos documentos do Encontro de Porto Alegre (ver Carta de Porto Alegre, edição de Julho/Agosto). Em seguida, cada iniciativa faz o Estudo de Viabilidade Econômica de sua atividade, discutindo-a com os outros grupos. Até agora, para diversos grupos populares, fazer um estudo de viabilidade econômica fazia parte de um mundo inacessível para eles, como algo exclusivo de assessores. Profissionalizar estes grupos de forma a torná-los autônomos é um dos principais objetivos da oficina.

As oficinas têm procurado inovar o tratamento desses temas. A conjuntura vivida por cada grupo de produção é relacionada a uma perspectiva mais ampla de transformação social, na qual os trabalhadores se tornem os principais sujeitos da economia. Busca-se, assim, a criação de



uma nova cultura em torno da economia uma vez que esta, até agora, tem sido de domínio exclusivo do capital e de seu fiel escudeiro, o Estado.

Além desses temas, são trabalhadas também outras esferas do desenvolvimento do ser humano, como a poesia, a música, o teatro, buscando desenvolver laços afetivos e de confiança entre os grupos de produção (de bens e de serviços) do Rio de Janeiro: valores inversos aos reinantes na economia capitalista, de individualismo e competição. Ao contrário, o que se pretende plantar é a solidariedade, a corresponsabilidade e, principalmente, a grande vontade de que todos os trabalhadores e trabalhadoras se tornem, de fato,

os principais sujeitos de nossa sociedade.

Quem sabe, está perto o dia em que celebraremos a grande aliança entre trabalhadores rurais e urbanos, comercializando entre si, associativamente, os seus produtos e compartilhado algo ainda mais valioso: seus sonhos e suas esperanças, suas culturas e suas vidas. Não podemos nos esquecer que somos nós quem de fato

construímos a economia deste país.

Maiores informações: CAPINA (021) 220 45 80 e PACS (021) 224 3107

*Fonte: Boletim da Recopa Nov 98*

## Educação profissional de adolescentes

### Cadastro das iniciativas não-formais

O reconhecimento das transformações que o mundo do trabalho vem passando nos últimos anos foi a principal motivação para a elaboração deste levantamento, que teve o apoio das fundações Maurício Sirotsky Sobrinho, Odebrecht e Vitaie, dos institutos Ayrton Senna e Credicard/Abrasso, do Ministério do Trabalho e da Unicef. A questão fundamental que norteou a pesquisa foi: "Qual deve ser a resposta da sociedade e do Estado brasileiro ao grande número de adolescentes que se encaminham para a idade adulta com baixa ou inexistente escolaridade e sem nenhuma capacitação para o mundo do trabalho?"

Em busca desta resposta, os pesquisadores mapearam 1.119 iniciativas não-formais de educação e trabalho para adolescentes, em todo o país, sendo 136 na Região Norte, 176 na Região Nordeste, 141 na Região Centro-Oeste, 281 na região Sudeste e 385 na Região sul. O Cadastro abrange qualquer programa de iniciação profissional im-

plementado por entidades da sociedade civil, da iniciativa privada ou do setor público que não esteja regulamentado segundo as diretrizes e bases do sistema regular de ensino. O trabalho, concluído em 1997, resultou em um Relatório Nacional e mais cinco volumes, uma para cada realidade regional.

Para as instituições que apoiaram a pesquisa, o Brasil deverá enfrentar grandes desafios estratégicos em direção à inserção competitiva na economia internacional globalizada (desenvolvimento econômico), à erradicação das desigualdades sociais (desenvolvimento social) e ao aumento dos níveis de participação democrática da população e de respeito aos direitos humanos (desenvolvimento político).

Fonte: Boletim "Fazendo as Contas; financiamento das políticas sociais para Crianças e Adolescentes" Rio de Janeiro, IBASE, v.1, n. 2, set/98.

*Edição/redação: Marcos Arruda, Sandra Quintela e Hermila Figueiredo; periodicidade: trimestral; programação visual/produção gráfica: Caco Appel; endereço para correspondência: Rua Joaquim Silva, 56, 8º andar, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, Cep.: 20241-110. Telefone: 55 21 252-0366 e fax: 55 21 224-3107; e-mail: pacsdph@ax.apc.org*

# A CARPA BLANCA:

## o conflito continua(\*\*)

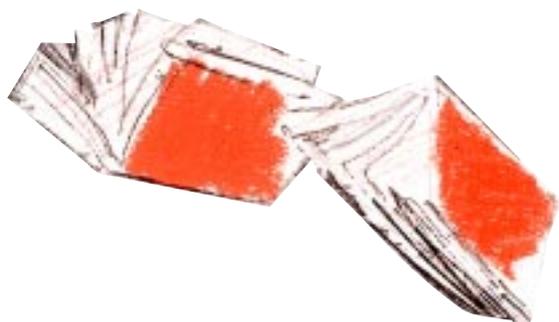
Carlos Galano\*

Desde o dia 2 de abril de 1997 os professores argentinos agrupados no CTERA ergueram uma Carpa Blanca (\*\*\*) em frente ao Congresso de la Nación, na cidade de Buenos Aires, onde fazendo jejum e originários de todas as áreas geográficas da Argentina, estão exigindo que a Lei de Financiamento Permanente do sistema Educativo, como uma medida principal para defender a Escola Pública, seja sancionada.

Este fato transformou-se num feito com profundas repercussões sociais. Constitui-se numa metáfora social que se relaciona com cada uma das preocupações e desencantos, aspirações e lutas de todos os setores. Na realidade corporificou a busca de um sentido ético e do império da justiça como essência do funcionamento da ação política do Governo e do Estado.

Os representantes mais importantes dos mais variados segmentos do mundo social, cultural, artístico, esportivo, científico, da pesquisa, dos direitos humanos, das organizações indígenas, das igrejas, da política, com exceção do Justicialismo, passaram pela Carpa Blanca, denominada LA CARPA DA DIGNIDADE PARA O POVO. Representantes da cultura nacional e internacional, pesquisadores, Premios Nóbel, estiveram na Carpa Blanca oferecendo sua solidariedade e compromisso com a causa. Figuras como Ernesto Sábato, Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Augusto Roa Bastos, Fito Páez, Silvio Rodríguez, Joan Manuel Serrat, Ana Belén, Mercedes Sosa. Os bailarinos Maximiliano Guerra y Julio Bocca. Os diretores de cinema estrangeiro como Tavernier, Costa Gravas e Saura. Estes são alguns nomes, entre os cem mil que tem manifestado seu apoio a este acontecimento sem precedentes.

Diariamente, estudantes em grupos, acompanhados de professores, de Buenos Aires e do interior do país visitam a Carpa Blanca. Cada visita é uma aula sobre a realidade argentina, sobre a pobreza extrema instalada por um modelo socioeconômico que se desenvolve, insensível e imperativamente de acordo com exigências de uma aliança que concentrou como nunca a riqueza e expandiu a exclusão, dualizando e



empobrecendo a sociedade a medida que desenvolve a mais descomunal era de corrupção de que se tem notícia. Neste jogo de espelhos, o que a Carpa Blanca e os professores em jejum mostram é a impunidade de um governo que aplica a todo o custo, mediante as políticas de ajuste, a filosofia neoliberal. As pessoas percebem que é possível pensar outros cenários, e imaginar outros futuros que não estão pré-determinados fatalmente pela cosmovisão conservadora da equipe que está no poder.

Apesar da insensibilidade do Governo Nacional, apoiado por setores que concentram a riqueza, em abordar o tema do financiamento do sistema Educativo, após a instalação da Carpa Blanca, as coisas não mais serão como antes para ele e para todos. O cenário na Argentina mudou.

A Carpa tem sido o epicentro de todo o tipo de manifestações sociais, culturais e políticas. Todos os protestos e propostas encontram nela o lugar propício para desenvolver-se. O protesto pelo assassinato do jornalista José Luis Cabezas, as lutas dos aposentados, Avós da Plaza de Mayo, os setores agredidos pelas políticas socioeconômicas, as organizações governamentais ambientalistas e de desenvolvimento alternativo, encontraram na Carpa Blanca o espaço adequado para ampliar suas lutas.

Temos recebido demonstrações de apoio de diferentes formas, de mais de 100 países, de universidades de todos os continentes, de agremiações de todas as regiões do mundo. O reconhecimento do movimento social que gerou a Carpa Blanca e a CTERA tiveram repercussões internacionais. Participou do Encontro da Ação Global dos Povos contra o Livre Comércio, realizado em Genebra em Fevereiro e Maio deste ano.

A instalação da Carpa Blanca foi aprovada no início do outono de 1997 em Viedma, Capital da Província do Rio Negro, em plena Patagonia, como uma medida extrema naquele momento de graves conflitos. Posteriormente a história demonstrou que além de interpretar o anseio dos professores e professoras argentinos, a Carpa Blanca se tornou no símbolo e na idéia mobilizadora de uma sociedade que pensa que ainda se pode mudar o rumo da história.

\* Argentino, educador. Miembro del Chantier de Educación. Tem participado da Aliança desde o seu início.

(\*\*) publicado originalmente, em espanhol, no boletim "Claves 5", editado pelo Grupo Geocultural do Equador.

(\*\*\*) Carpa Blanca significa Toldo branco

No momento em que preparávamos este número, soube-mos que o conflito continua na Argentina. No início do mês de novembro o Parlamento devia discutir a Lei de financiamento Educativo. Porém, mais uma vez, a esperança foi em vão. As pressões do Governo, do Ministério da Economia e do Bloco econômico no poder, frustraram as expectativas de todos. Os que acumularam riquezas no país não estão dispostos a perder nenhum centavo de seus bens mal adquiridos. Não querem ser penalizados com uma insignificante obrigação impositiva, que chega a 700 milhões de dólares, que são imprescindíveis para evitar o colapso da educação pública.

# EDUCAÇÃO DA PRÁXIS: O AUTO

Marcos Arruda

A educação que hoje prevalece tem o papel de alimentar e perpetuar a globalização competitiva ou, no caso do Brasil, a inserção subordinada da nossa economia ao sistema do capital mundial. Por isso, não tem servido para libertar, mas sim para moldar e ajustar crianças, jovens e adultos aos valores e aspirações vigentes, ou, ainda mais lamentável, à ausência de aspiração ou mesmo ao cinismo. Pois a promessa é que estudando, será possível obter automaticamente um lugar no mercado de trabalho. O que se cala é que isto pode não acontecer, ou só acontece através de uma acirrada e mortal competição por postos e oportunidades de trabalho cada vez mais escassas.

Quem vencer estará condenado a trabalhos cada vez mais identificados com o ritmo das máquinas e dos computadores, à compulsão de fazer parte de um grande engenho de produção de sempre maiores lucros a menores custos. Aspirando a ser “investimento” para a empresa, logo perceberá que ela o concebe antes como “custo” a reduzir. Para não ser sacrificado, logo aprenderá a moldar-se às condições draconianas com que hoje o capital trata a força de trabalho: direito sempre mais restrito à organização, ameaça contínua de demissão ou de terceirização, atividade febril para compensar o corte dos postos de trabalho, pouca esperança de uma aposentadoria merecidamente confortável.

Quem não passar pelo “teste” da competição cairá no batalhão dos excluídos. E se perguntará para quê todo aquele estudo se no final seu destino era a marginalidade. Não poderá escapar da terrível idéia de que “eu só valho pelo que tenho, e se meu destino é não ter, só pode ser porque não valho mesmo”. E lhe escapará o fato de que o mercado capitalista o/a converte de pessoa integral em fragmentos, em peça de uma imensa máquina de produzir lucros, sofrimento e morte. E uma vez mais sentirá na pele a descrença nos políticos, nos empresários e nos representantes do Banco Mundial ou do BID que prometem tudo em troca da educação, e depois de descumprida a promessa, ainda impõem sobre o povo o custo dos empréstimos tomados para ... o educar.

É neste ponto que faz sentido retornar àquilo que seria a educação na perspectiva da Práxis. A educação da Práxis ultrapassa os conceitos meramente funcionais ou estruturais de educação. Reconhece a transmissão de informações e de habilidades como elemen-

tos indispensáveis do processo educativo. Porém critica a redução da educação a estes aspectos e a toda concepção e prática educativa que fragmenta o ser humano ou o conhecimento, em vez de o integrar, tanto no plano teórico como no prático. Promove a práxis educativa essencialmente como um trabalho de construção de sujeitos — individuais e coletivos — do seu próprio desenvolvimento e educação, buscando o grau maior possível de autonomia em relação aos seus mestres e a toda figura hierarquicamente superior. Vê o ser humano como uma totalidade em si e, ao mesmo tempo, um componente organicamente integrado noutras totalidades, físicas, sociais, culturais e cósmicas. Portanto, propõe **uma práxis educativa de caráter permanente, omnilateral** — que compreende todos os aspectos da vida do educando, desde os relacionados à sua pessoa até os que a situam nos contextos sociais e históricos mais abrangentes — **e omnidimensional** — que abrange todas as dimensões e todos os potenciais do seu ser individual e do ser coletivo a que pertence, desde o corpo e seus sentidos até a mente, a psique e o espírito com seus múltiplos atributos.

Tais concepções informam programas e currículos muito mais amplos e complexos do que aqueles que estamos acostumados a conceber e aplicar. E obrigam educadores e instituições educativas a colocarem a **pesquisa** do universo social e cultural dos educandos como um componente básico e indispensável da elaboração de currículos e programas. Visam ainda edificar cada educando como um pesquisador permanente da sua própria realidade.

Esta proposição tem duas implicações. Uma, no plano ético, que cada agente educativo, educador e educando, reconhecendo-se e assumindo-se enquanto sujeito e centro de criação de conhecimento e de transformação do mundo, reconheça igualmente cada outro como sujeito e centro, estabelecendo com ele uma relação dialógica e colaborativa, numa busca de **articulação e integração sinérgica de conhecimentos**, em vez de um fechamento de caráter dogmático e estreitamente auto-suficiente. A outra, no plano político, que aponta para a exigência de **partilha do poder e do saber**, numa relação crescentemente participativa, que se irradia da sala de aula ou do espaço familiar até as relações macro culturais e macro socioeconômicas.



# FAZER-SE DO *HOMO* INTEGRAL

Este tipo de educação está florescendo hoje nos cursos e seminários de educação cooperativa e associativa em diferentes partes do País e setores da população. Uma das experiências relevantes e de grande alcance numérico é a do Movimento dos Sem-Terra, que associa a todo assentamento rural de reforma agrária um processo educativo para crianças e adolescentes, e outro para jovens e adultos, nos quais começam a despontar elementos da práxis educativa que elaboramos acima.

O que importa frizar é que a educação da Práxis constrói coletivamente visão, compreensão e competência que permitem ao/à estudante – criança, adolescente ou adulto – progressivamente ir aprendendo a identificar e trabalhar não apenas com os sujeitos e objetos do seu conhecimento e da sua ação transformadora, mas também das interconexões e complementaridade entre eles, desde o nível micro, local e imediato até o nível macro, global e futuro. Aqui também ganham relevo a aprendizagem da **complementaridade** das faces masculina e feminina de si próprios e do mundo, da diversidade e unidade do concreto, da individualidade e coletividade da pessoa humana, da materialidade e espiritualidade da Matéria, da imediaticidade e transtemporalidade do cotidiano. Esta visão e compreensão abrangentes, esta capacidade de pesquisar, desvendar, e agir com consciência, autocontrole e conhecimento de causa lhe dão um crescente poder sobre si próprio e sobre a História, que vão além do mero exercício de um ofício. Elas o tornam um cidadão ativo e criativo da sociedade a que pertence. Esta é a educação adequada para a construção de uma socioeconomia, um desenvolvimento e uma globalização fundados nos valores da cooperação, da partilha, da reciprocidade, da corresponsabilidade e da solidariedade.

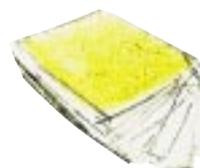
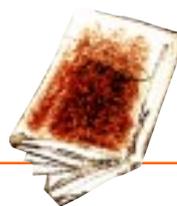
Na prática política e educativa dominante, o professor tem a tarefa de transmitir os saberes relacionados com a disciplina que está sob sua responsabilidade e nada mais. Quanto mais conseguir que os alunos memorizem e repitam o saber já instituído, que é posse sua ou dos livros, melhor. Dessa forma, se estabelece e consolida uma relação hierárquica de autoridade e de saber. “Sabe e manda aquele que estudou”. E o ato de estudar é concebido daquela maneira estreita e redutora. Ilustrando: numa formação funcional e utilitária como aquela, o agricultor aprende o que tem a ver

com a técnica de plantar, colher, vender, faturar, mas não aprende a pesquisar e a compreender, por exemplo, como se formam os preços agrícolas, como a política fundiária e agrária pode ser mais justa, como a política de desenvolvimento agro-industrial, ou a ausência dela, pode fazer avançar ou prejudicar o país e a vida dos agricultores, e de que projeto nacional de desenvolvimento sua realidade de agricultor faz parte.

Todo trabalho educativo fundado na Práxis aponta no sentido de um processo interativo educador-educando no qual ambos ensinam e ambos aprendem, no contexto da ação e da relação educativa do educador e dos educandos com a sociedade e a natureza. O saber do educador, supostamente maior e mais erudito que o dos educandos, é relativo ao seu universo cultural e situação social. Portanto, tende a estabelecer uma relação complexa e contraditória com o saber dos educandos jovens e adultos. Saber administrar esta relação no sentido de superá-la mediante a crescente autonomização dos educandos, este é o grande desafio para o educador da Práxis.

Em termos mais concretos, o objetivo do educador da Práxis é que os educandos desenvolvam tanto sua própria capacidade de conhecer e atuar criativamente no seu respectivo campo de saber, trabalho e vida, que neles possam igualar e mesmo superar o próprio educador. Este seria talvez o critério mais acurado para se avaliar o sucesso ou fracasso de uma ação, processo e agente educativos. É educador todo aquele ou aquela que ensina não apenas uma disciplina em particular, mas, ao mesmo tempo, a arte de viver. E é educador da Práxis todo aquele ou aquela para quem a única forma de aprender e ensinar esta arte é vivendo-a.

Cabe ainda ao educador da Práxis colaborar ativamente para a formação de uma massa crítica de consciência que contribua para a formulação de uma nova visão, definindo a razão de ser da vida humana, individual e em sociedade. Algumas condições são indispensáveis, entre elas a consciência de que o ser humano usa apenas uma parte mínima do seu vasto potencial físico, psicológico e espiritual... e a vontade de enfrentar o desafio de depender cada vez menos da opinião dos outros para decidir suas ações e conduta; de construir uma ética adequada à sua natureza e guiar por ela seu comportamento; e de incluir entre os valores éticos fundamentais a autoestima, a humildade, o respeito e o amor ao próximo, a corresponsabilidade e a solidariedade.



# O Banco Mundial, as políticas educacionais e as ONGs



Sergio Haddad

Nos últimos anos tem havido um crescente envolvimento dos bancos multilaterais na área social, em particular no campo da educação. O Brasil é um dos maiores tomadores de empréstimos internacionais e a educação é o setor que tem apresentado maior crescimento em projetos financiados com esses recursos. Na década de 70, os empréstimos do Banco Mundial (Bird) giravam em torno de US\$63 milhões, na década de 80 eram de US\$238 milhões e, nesta década, o envolvimento do banco está em torno de US\$1 bilhão, devendo crescer ainda mais nos próximos anos.

Os recursos que chegam ao Brasil são direcionados para os sistemas públicos de ensino, por intermédio dos governos federal e/ou estaduais, de acordo com as metas e os cronogramas estabelecidos nos projetos. Apesar de os recursos do Bird não significarem uma porcentagem elevada dos dispêndios nacionais em educação, sua área de influência tende a ser elevada em razão da sua política de assessoramento técnico.

O Banco Mundial, ao apresentar recursos, faz isso dentro de orientações construídas a partir de estudos que realiza e dos resultados de outros projetos. Por suas características institucionais (é um banco) e pela hegemonia dos economistas entre seus funcionários, orienta a aplicação do seus recursos sob a lógica do pensamento econômico, fazendo da educação um campo subsidiário aos desafios colocados para o desenvolvimento da economia mundial. Suas principais orientações educacionais para os países do Terceiro Mundo acabam por se adequar a certas orientações de reforma do Estado e da organização da economia ante os desafios da globalização.

A relação entre educação e desenvolvimento econômico sempre esteve presente nas orientações das políticas públicas. No entanto, no passado, destacava-se também a função formativa das camadas populares na constituição da cultura e do Estado nacional, na integração das populações de origem rural aos processos de urbanizações e modernização. A educação sempre esteve marcada pelo objetivo de formação do cidadão visando à transmissão de valores e à difusão do conhecimento científico, pautando-se no princípio de que, para além da formação para o mercado, os sistemas públicos têm responsabilidades com a formação integral do seu povo e a conseqüente construção de um país mais justo e democrático. Infelizmente, na conjuntura atual, tais valores vêm sendo gradativamente abandonados e a educação tem sido vista de modo bastante restrito, apenas como fator instrumental para a competitividade da economia e para situar os indivíduos no mercado.

No entanto, não vale a pena cair no erro bastante comum de acreditar que haja um alinhamento incondicional das políticas nacionais às orientações multilaterais. Ao contrário, os atores responsáveis pelas políticas nacionais não se limitam a aceitar e ratificar essas orientações, eles têm papel relevante nos processos de negociação e direcio-

namento dessas políticas. Fica claro, portanto, que, quanto mais próximas estão as políticas educacionais do atual contexto das orientações e desenvolvimento da economia internacional, mais facilmente os acordos são firmados e cumpridos.

Ao mesmo tempo, há que recordar que todo empréstimo vira dívida externa. Não é uma doação. Há aí um campo específico de análise que tem suas raízes no próprio modelo atual de desenvolvimento. Novos empréstimos implicam novos sacrifícios para a população que os paga. Significa jogar água num modelo que vem mostrando dificuldades cada vez maiores em ser administrado e tem aumentado o ônus do desemprego e das profundas desigualdades sociais.

Outros aspectos poderiam ser levantados sobre os projetos. Por que seus resultados têm sido tão pequenos quanto à melhoria da qualidade da educação? Por que a participação dos professores e da comunidade em geral no desenho dos projetos é tão pequena? É possível acompanhar e avaliar tantos projetos? Com que indicadores? A verdade é que os projetos e o próprio papel do Bird tem sido muito pouco conhecidos e estudados pela sociedade brasileira, apesar dos tímidos esforços já realizados.

É nesse aspecto que entram as ONGs, que, com outras organizações da sociedade civil, constituíram a *Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais*, com o fim de tornar públicas as informações sobre os projetos nas diversas áreas de atuação das organizações multilaterais. A rede fomenta o debate público sobre as orientações e o impacto de tais empréstimos, acompanha suas atividades e tenta influir nos seus rumos. Procura-se trabalhar em diálogo com os organismos multilaterais, participando do seus fóruns, com os governos que tomam os empréstimos e, principalmente, com a população atingida pelos projetos. Essa não tem sido uma função pública apenas das ONGs. Também tem sido função das universidades, do Parlamento, que recentemente organizou uma audiência pública sobre o tema, da imprensa independente e de outras instituições que se propõem a ampliar o universo de compreensão sobre tais empréstimos, visando a maior controle social por parte da população, que é, afinal, quem paga a dívida contraída.

Não é assim que se constrói democracia? Isso é assumir parte da responsabilidade pela educação e pelo desenvolvimento do País, muito ao contrário de pretender "manter a ignorância e o atraso para ter o que contestar", como acusou editorial deste jornal.

Sérgio Haddad é o atual proeminente da ABONG- Associação Brasileira de ONGs, secretário-executivo da ONG Ação Educativa e professor de pós-graduação em Educação da PUC-SP.

Fonte: Estado de São Paulo, 04/09/98

O texto acima foi escrito em resposta a um editorial publicado no jornal "O Estado de São Paulo" (24/08/98)

# Educação de Jovens e Adultos e globalização.

Aída Bezerra

Há um panorama mundial diante do qual temos que tomar uma posição. Senão seremos, progressivamente, conduzidos à inércia, à paralisia mental, à dormência social e política.

Em grandes traços, estamos convivendo com:

1) uma economia subordinada a estratégias financeiras - o que dá mais lucro é o que passa a ser considerado necessidade. A lógica que comanda é a da acumulação. É uma lógica bancária, competitiva e, portanto, concentradora de riquezas e poder;

2) um desenvolvimento tecnológico que empurra os trabalhadores para o desemprego, substitui profissões, quebra o ritmo de um desenvolvimento abrangente, privatiza os avanços, desconsidera a natureza;

3) uma crise do modelo político, dito democrático. Os âmbitos das grandes decisões estão fora do alcance do cidadão comum. A subordinação do político ao econômico faz com que o Estado se ajuste às recomendações dos interesses supranacionais a custos sociais altíssimos. E o que pode o voto e a pressão do cidadão comum? A produção de um consenso social através da mídia pode mais, convence mais. Para os inconformados, a lei;

4) paralelamente, ou mais claramente, em decorrência dessas escolhas, das quais não participamos, assistimos e participamos da expansão da pobreza e da violência, da profunda crise de valores. É como se em algum lugar do espaço sideral se tramasse contra a possibilidade da convivência e da paz; contra o direito e a liberdade de usufruir, construir e repor a vida, com a delicadeza que merecemos e que a natureza promete.

Diante de tudo isso, o que pode a educação e, em particular, a educação de jovens e adultos cujo público, é caracteristicamente, um recorte do universo dos excluídos? E, pelo que nos é dado avaliar, uma faixa em expansão.

Não temos muitas alternativas. Ou nos confessamos impotentes, e nos conformamos. Ou nos contentamos, isoladamente, a cumprir o melhor que pudermos a nossa tarefa, com esse gosto de gratuidade e amargura. Ou nos insurgimos. De uma insurgência como postura política, profissional, pedagógica e saímos da inércia, deixamos de estar simplesmente perplexos diante dos efeitos catastróficos desse modelo desumano. Escapamos desse determinismo, como se caminhassemos coletivamente inconformados para o desfecho infeliz de uma peça, com a qual não nos identificamos, apesar de estarmos convidados enquanto atores.

Se conseguirmos sair dessa baixa estima, teremos que começar a produzir uma outra peça, e muitos já começaram a escrevê-la. Não estamos sozinhos. E para nos emprestar clareza e ânimo, precisamos produzir sentido para o que fazemos.

Por exemplo, se considerarmos que o futuro é hoje, é agora, o "Fórum EJA" é uma demonstração de que essa insubordinação viva e produtiva existe. A vida está aqui presente, e se move. Nós somos uma prova de que não se conseguiu animalizar a todos, coisificar, mercadificar, desnaturar. Nós, concretamente, somos uma esperança.

O que temos pela frente, enquanto educadores de jovens e adultos do Rio de Janeiro, é uma missão globalizante - mesmo que a educação de jovens e adultos ainda permaneça como o fundo do quintal da casa da educação, mesmo que trabalhem com candidatos ao desemprego ou ao "movimento". Tal como muitos outros lugares da África ou da América Latina, o que conseguirmos construir é passível de entrar em circulação mundial. Ou não? O momento é de globalização, de superação das fronteiras, usemos essa possibilidade para nos fortalecer. Os recursos já foram criados. Seu uso depende muito de nós mesmos.

Nós os educadores, somos artesãos privilegiados da construção do tecido social e temos, portanto, nessa linha da insurgência, uma batalha a travar :

a) pela valorização e fortalecimento do nosso território de trabalho. A iniciativa do Fórum EJA (Fórum de Educadores de Jovens e Adultos), nesse sentido, um gesto muito significativo;

b) pela geração de nossas competências específicas: não é, qualquer pedagogia que poderá ajudar na eficácia de nosso desempenho. Mas já temos pontos de partida - a vida de Dr. Paulo (Freire) não foi em vão -, acumulados e sensibilidades. Sem dúvida, precisamos exigir mais de nós mesmos enquanto profissionais porque a tarefa não é simples;

c) pela produção de uma outra democracia onde o poder não está divorciado do nosso cotidiano. Temos as salas de aula, os movimentos comunitários, as nossas organizações para exercitar outra qualidade de relação onde os que participam contem nas decisões a serem tomadas e a diferença seja desejada e não tolerada;

d) pela instauração ou resgate de valores que possam realizar a convivência humana de modo responsável, solidário, celebrante da vida, restabelecendo a humanidade;

e) pela construção de alianças porque mais do que nunca, a um desafio global não se pode responder de modo isolado, solitário. Não há uma cruzada contra o Estado: queremos é reivindicar mais e melhor de suas políticas, tanto quanto a sociedade que ele gerencia merece.

E toda essa luta, sabemos, ser feita em condições adversas. É por isso que ela, é insurgente.

NOTAS: Texto elaborado por ocasião do primeiro aniversário do Fórum EJA (Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro). Aída faz parte da equipe do SAPÉ, integra os Coletivos de Educadores de Jovens e Adultos de Pernambuco e do Rio de Janeiro e também faz parte do GREPE-Grupo de Estudos e Pesquisas.

# O QUE PASSA NO SEIO DA ALIANÇA

Esta seção apresenta um resumo do que vem acontecendo na Aliança internacionalmente. Se você tem facilidade para ler em inglês ou francês pode acessar diretamente estas e outras notícias no site da Aliança:

VISITE O SITE DA ALIANÇA!

Se você quer saber mais sobre a Aliança vá ao endereço: <http://www.echo.org>

As últimas notícias estão no seguinte endereço:  
<http://www.echo.org/en/qdn/index.htm>

## Boletins da aliança



Informações no endereço:

MAMA  
Rua Mal Deodoro, 79 - s/ 221- Rio Branco,  
Acre  
Brasil - 69908-970 - e-mail:  
[mama@mdnet.com.br](mailto:mama@mdnet.com.br)  
(fonte: Claves nº 4)

Escola de Formação da Rede de Educação da Mulher.

Localizada em São Paulo, a Escola vem realizando neste semestre os seguintes cursos: Gênero e Liderança; Dinâmicas de grupo para processos educativos; Alimentação viva; Construção de uma nova visão das relações de gênero; Planejamento estratégico para entidades sociais; gênero e Meio Ambiente. Para maiores informações contatar:  
Rede Mulher  
Te.: +55 011 38732803  
Fax: + 55 011 38627050  
e-mail: [rdmulher@novasociedade.com.br](mailto:rdmulher@novasociedade.com.br)  
(fonte Claves nº 5)

O PACS e o SAPÉ, publicaram várias fichas de experiências sobre o trabalho educativo. Elas foram escritas por educadores que buscam, em seu cotidiano de trabalho, manter vivo um compromisso com a prática educativa.

Estes textos, de no máximo 2 páginas, fazem parte de um banco de dados da Rede Diálogos e Documentos para o progresso Humano, do qual ambas instituições fazem parte.

Títulos das publicações:

- 1- BAM - Banco de Ajuda Mútua
- 2- Rede humanidade criança - Coleção de fichas em formato DPH.

**Informações, pedidos:**

PACS - Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul  
Rua Joaquim Silva, 56 - 8º andar - Lapa  
Rio de Janeiro, RJ  
20241-110  
Tel.: (021) 252-0366  
Fax: (021)224-3107  
c.eletronico: [pacsdp@ax.apc.org](mailto:pacsdp@ax.apc.org)

SAPÉ - SERVIÇOS DE APOIO · PESQUISA EM EDUCAÇÃO.  
Rua Evaristo da Veiga, 16 - S/1601 Centro.  
Rio de Janeiro, RJ  
20031-040  
Tel: (021)220-4580  
Fax: (021)220-1616  
c.eletronico: [sape@ax.apc.org](mailto:sape@ax.apc.org)

**CARTILHA DA DÍVIDA EXTERNA**

Atendendo a um pedido da CESE, o PACS redigiu uma Cartilha sobre a Dívida Externa, incluindo um glossário.

## DEU NO JORNAL DA TARDE DE SÃO PAULO:

O Jornal da Tarde publicou em seu Suplemento de 22/11 um artigo sobre a Aliança e sobre os Canteiros Temáticos que existem em São Paulo. Beth Grimberg do Pólis e Moema Viezzer, da Rede Mulher, entre outros, também falaram de sua experiência na Aliança. Cópias do artigo podem ser solicitadas ao PÓLIS: [polis@ax.apc.org](mailto:polis@ax.apc.org), ou PACS: [pacsdp@ax.apc.org](mailto:pacsdp@ax.apc.org)

## ENCONTROS ACONTECIDOS NO ÚLTIMO TRIMESTRE:

**PRIMEIRO ENCONTRO DO MUNDO ÁRABE**, Beirute (Líbano) 3-6/12/98  
Uma centena de intelectuais se reuniram durante 3 dias em Beirute para discutir algumas questões consideradas prioritárias para o mundo árabe e que não foram contempladas, ou foram superficialmente abordadas pela Plataforma por um Mundo Responsável e Solidário. Para Nadia Aissaoui, uma das participantes, o encontro de Beirute oferece a ocasião de dar início a uma reflexão coletiva nesta região e ter uma participação do mundo árabe na construção do mundo de amanhã.

**CANTEIRO JOVENS E O ENSINO SUPERIOR**, Paris, 5-9 de outubro.

O evento, que serviu como preparação para o encontro da Unesco, teve participação de jovens de 16 países, com a finalidade de discutir seus problemas e formular propostas comuns.

## NO BRASIL:

Seminário Nacional "Desenvolver-se com arte", São Paulo, 19-20 de novembro passado. Organizado pelo Instituto PÓLIS, este seminário enfatizou a contribuição da arte na construção de identidades culturais, da solidariedade, das poéticas fundamentais dos processos e da arte na construção do espaço público urbano. O evento foi também uma chamada para a retomada das reflexões do Canteiro Artistas

Maiores informações sobre o que foi o Evento dirigir-se a:  
Instituto PÓLIS  
Rua Cônego Eugênio Leite, 433 - Pinheiros - São Paulo - 05414-010  
Tel. +55 011 853-6877 - Fax: +55 011 852-5050  
e-mail: [polis@ax.apc.org](mailto:polis@ax.apc.org)

**REDE DE JOVENS DA ALIANÇA**, São Paulo

Mais informações no endereço:

[iaia@uol.com.br](mailto:iaia@uol.com.br)

Ou no Instituto Ecoar para a Cidadania:

tel+55 011 3871-0701

De 13 a 17 de Dezembro de 1998, em Rio Branco:

Encontro Internacional de Mulheres da Floresta Amazônica: Mulher, Meio Ambiente e Desenvolvimento. Promovido por diversas entidades, o encontro é uma iniciativa do MAMA- Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia.

Nosso próximo número será sobre GÊNERO